

A SUBLIMAÇÃO COMO FINALIDADE DO TRABALHO EM SAÚDE MENTAL

Iara Del Padre Iarema¹⁹

RESUMO

Faz-se a articulação entre o material bibliográfico psicanalítico referente à sublimação e experiências já publicadas da prática em instituições de saúde mental, que utilizam recursos artísticos no plano terapêutico dos pacientes atendidos. Pôde-se constatar que a sublimação tem sido compreendida na teoria como objetivo do processo de análise, visto que possibilita novas construções simbólicas ao sujeito que se encontra em sofrimento psíquico. A utilização de recursos artísticos nos atendimentos de saúde mental, quando imbuídos de boa sustentação teórica e do desejo dos profissionais atuantes, tem trazido resultados interessantes, no que diz respeito à retificação do posicionamento subjetivo de alguns pacientes.

Palavras-chave: sublimação, psicanálise, saúde mental, arte.

SUBLIMATION AS THE PURPOSE OF THE WORK IN MENTAL HEALTH

ABSTRACT

This article presents the dialogue between psychoanalytical bibliography about sublimation and published experiences of approaches in mental health institutions which use artistic resources in the therapeutic process of their patients. It also notes that sublimation has been theoretically understood as the goal of an analytical process, once it enables new symbolic constructions to the individuals affected by mental suffering. As long as they are theoretically well-based and also filled of the desire from therapeutic staff, the using of artistic resources in mental health attendances may come up with interesting results with respect to rectification of the patient's subjective position.

Keywords: sublimation; psychoanalysis; mental health; art.

¹⁹ Musicoterapeuta graduada pela Faculdade de Artes do Paraná. Especialista em Saúde Mental, pelo IBPEX. Professora colaboradora do Curso de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: iaramus@hotmail.com

Quando um artista executa sua obra, expressa conteúdos muito íntimos relacionados à sua maneira de ser, agir e entender o mundo. A arte é uma das conseqüências de um dos mecanismos de defesa do inconsciente estudados pela psicanálise, chamado sublimação. Enquanto outros mecanismos de defesa, como a racionalização, negação, projeção, e outros, muitas vezes ocasionam em comportamentos sintomáticos vividos com sofrimento, a sublimação é aceita e valorizada socialmente. Segundo LAPLANCHE (1970), o termo sublimação quer dizer o seguinte:

Processo postulado por Freud para explicar actividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como actividades de sublimação principalmente a actividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo alvo não sexual ou em que visa objectos socialmente valorizados (LAPLANCHE, 1970, p. 638).

Alguns estudos das últimas décadas começam a ver a sublimação não mais como um mecanismo de defesa, e sim como uma solução saudável para os conflitos psíquicos. Interessa, neste artigo, verificar como estas teorias se fundamentam, inclusive colocando-as em questão. Atualmente, pode-se observar em várias propostas terapêuticas e educativas, a promoção da saúde mental através das artes, esportes e religião.

Faz-se uso de dispositivos como a dança, música, capoeira, teatro, orações, artes plásticas e outros, como parte do tratamento de dependentes químicos, psicóticos, menores infratores e todo o tipo de pessoas que possam estar em sofrimento psíquico. Com qual finalidade se tem lançado mão de tais recursos? É possível alcançar avanços em saúde mental através deles? Nos resultados alcançados com os sujeitos atendidos, a sublimação é equivalente à mudança de posicionamento subjetivo?

A escolha da psicanálise como base teórica para este trabalho ocorre pelo fato de que o próprio conceito da 'sublimação' é utilizado originalmente por esta abordagem teórica. Além disso, interessa-me a maneira como esta forma de pensar o ser humano

leva em consideração as particularidades subjetivas manifestadas pelos discursos e maneiras de se relacionar com o outro.

Este estudo tem como objetivo discutir conceitos de sublimação, relacionando-os com experiências publicadas sobre o tema, na área de saúde mental. Para alcançar os objetivos propostos, é importante levantar o possível sobre o que já foi discutido sobre sublimação em psicanálise, desde os textos fundamentais escritos por Freud, passando por Lacan e Laplanche, até os textos mais recentes sobre o tema, como o de Juranville, Birman e Miller. É importante ter em mente que a psicanálise é uma produção de conhecimento que, paradoxalmente, se põe constantemente em questão, já que questiona a aceitação de que há uma verdade indiscutível. Não é o caso aqui fazer um levantamento histórico minucioso do que já foi pensado como sobre o tema sublimação, mas uma teoria não se faz sem que tenham havido outras idéias que lhe dêem sustentação.

Os conceitos de 'cura' e 'saúde' também devem ser cuidadosamente pensados, para que haja coerência na articulação teórica. E a reflexão sobre algumas práticas de atendimento em saúde mental que acontecem na atualidade e que fazem uso de recursos artísticos se faz necessária tanto como exemplificação do que se passa na prática, como para a articulação com a teoria que será debatida. Muitas propostas de saúde mental que se desenvolvem nesta linha já estão expostas em publicações, e três delas servirão de exemplo da prática para esta elaboração.

Espera-se que este artigo contribua para as reflexões acerca da criatividade, a subjetivação e a saúde, aplicadas com objetivo de diminuição do sofrimento psíquico e harmonização das relações interpessoais.

O QUE É SUBLIMAÇÃO?

Nos estudos da psicanálise são conhecidos alguns processos psíquicos que visam manter a integridade do eu. Entre esses processos, pode-se destacar a racionalização, a projeção, a introjeção, a negação e a sublimação. A definição de sublimação, como é característico do dinamismo da psicanálise, evoluiu diante das inquietações de Freud e dos outros psicanalistas na tentativa constante de

compreender o funcionamento do psiquismo. A que envolve os conceitos e práticas mais recentes da psicanálise, é a seguinte: Segundo Lacan, “sublimação é elevação do objeto à dignidade de Coisa” (LACAN apud KAUFMANN, 1996, p. 85). Por Coisa, pode-se entender aquilo “que opera como eixo em torno do qual se constitui o advento de um sujeito como corpo e como ser falante [...]” (KAUFMANN, 1996, p. 84). Mas, partindo dos últimos pontos elaborados por Freud a esse respeito, e que deram sustentação para todos os estudos subseqüentes, tem-se: Segundo Kaufmann, “a sublimação designa um tipo particular de destino pulsional” (KAUFMANN, 1996, p. 494). Se a sublimação é um destino pulsional, faz-se necessário aqui elucidar a respeito da pulsão.

A pulsão trata-se de um conceito psicanalítico formulado por Freud, de algo que se situa no limiar entre o que é psíquico e o que é somático. Segundo a interpretação de Kaufmann, “a pulsão é a medida do trabalho imposto ao aparelho psíquico em razão de sua dependência do corpo” (KAUFMANN, 1996, p. 440). É o que leva à busca constante pelo suposto objeto primordial que foi perdido. Como este objeto não é e jamais será recapturado, pode-se dizer que a pulsão é sempre parcial, pois ela nunca atinge a satisfação. Da pulsão, que é a representação da excitação sexual, só se tem notícia por meio de seus representantes, por exemplo, a compulsão alimentar ou qualquer outra. Portanto, o que se nota é a representação da representação. Para Freud, existem quatro destinos para a pulsão: 1 a conversão em seu contrário, 2 o retorno para a própria pessoa, 3 o recalque, e 4 a sublimação. E é neste último destino pulsional que iremos nos ater.

Se a pulsão se apresenta na forma de sintomas ou movimentos, pensamentos e sentimentos não aceitos socialmente, a sublimação é um destino pulsional que, ao contrário, tem aceitação social. Freud, em 1910, fez um estudo intitulado “Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci”, onde demonstra – muito didaticamente – os caminhos que levaram o artista em questão à sublimação de suas pulsões sexuais. Através de minuciosa pesquisa biográfica, Freud descreve que Leonardo da Vinci era um homem com comportamento bizarro, apesar de bonito. Elegante, gentil e dotado de delicadeza feminina, apesar de vários sinais de masculinidade. Tinha repulsa ao coito e demonstrava desconhecimento da anatomia feminina, confundindo os corpos

masculino e feminino. Há boatos que alegam a preferência de da Vinci por relações homossexuais, principalmente com seus discípulos, o que é desmentido nas biografias. Leonardo da Vinci buscava a perfeição, e também conhecer o Criador e, pode-se dizer que, por causa disso, todas as suas obras ficaram inacabadas. “Durante esse trabalho de investigação, desapareciam os sinais precursores do amor ou do ódio, transformando-se em interesse intelectual” (Freud, 1910, p. 19). Leonardo da Vinci sublimava suas pulsões sexuais na busca constante e interminável pelo conhecimento, pela razão, daí a falta de informações a respeito dos interesses e manifestações da sexualidade deste artista nos levantamentos históricos. É válido ressaltar que, nesta época, 1910, Freud ainda pensava na sublimação como algo da suspensão de manifestações da sexualidade, teoria essa que foi gradativamente reelaborada.

No decorrer da história da psicanálise, o conceito de pulsão, que antes se situava nas zonas erógenas do corpo – como a oral, anal, fálica, escópica e invocante, passou a ser entendido de forma mais aprofundada, e passou-se a falar em pulsão de vida e pulsão de morte. Com isso, foi possível desvincular o psiquismo da questão da realidade e abrir para a articulação com o Real da castração. A pulsão de morte foi estudada por Freud, a respeito da compulsão à repetição. Na procura constante pelo mítico estado de satisfação que não se tem mais, o sujeito repete certos atos, comportamentos ou idéias que lhe são dolorosos e, cada vez, se depara com o fracasso. Por exemplo, a mulher que escolhe como companheiro um homem que a humilha e, quando consegue se separar deste, arruma outro com características muito semelhantes às do primeiro. A pulsão de vida está ligada à questão da auto-conservação. Estas duas forças estão em constante oposição, pois, enquanto a pulsão de auto-conservação caracteriza-se pelo egoísmo, a pulsão de morte ou pulsão sexual é dirigida ao outro. Posteriormente, Lacan situou na psicanálise a questão dos registros Real, Simbólico e Imaginário e, a partir daí, ao invés de pulsões, passa-se a falar em modos de gozo. Nesse caso, o que está em questão são os caminhos pelos quais o sujeito caminha (ou corre, ou dança, ou se arrasta...) para tentar alcançar aquele primeiro estado de satisfação que acredita ter existido. E, ao invés de pensar na ação do sujeito utilizando as zonas erógenas como instrumentos ou fontes isolados uns dos

outros, começa a pensar numa interligação entre elas, e a favorecer a compreensão do que chamou de estruturas de borda.

Com relação à estruturação psíquica, a psicanálise leva em consideração a particularidade de cada sujeito, evitando a colagem do sujeito a um diagnóstico. No entanto, existem alguns pressupostos teóricos que justificam o conceito de estruturas existenciais. Trata-se da maneira como o sujeito se relaciona com o significante do Nome do Pai. Este conceito pode ser entendido como a lei, a castração, a interdição do incesto. Com isso, fica marcado que não se pode tudo, que se está submetido a uma lei, que é essencialmente a da linguagem. Mais ainda, o Nome do Pai é o indício da castração da mãe, confirmando que ela não é toda e que, portanto, o sujeito/filho não pode ser feito seu objeto. O significante do Nome do Pai, que marca a falta, possibilita o acesso ao que é do simbólico, a aliança a novos significantes, como aponta Cruglak: *“Vale destacar que en la creación, el cuerpo de la falta como vacío fundante, se presentifica entre el vacío y su representación: La nada. Entre el vacío y la nada. En ese entre se situa la abertura donde la finitud del ser se cuele en la existencia”* (2000, p. 115.). Ou seja, neste espaço entre o vazio e o nada, pode operar o significante Nome do Pai e, a partir daí, a criação de novos significantes.

O fato é que existem maneiras diferentes de lidar com o significante do Nome do Pai. Em todas elas, o sujeito faz uma recusa à castração. Na neurose, essa recusa se dá por meio do recalque, que insiste em retornar à consciência através dos sonhos, atos falhos, lapsos, chistes, e que é o gerador de sintomas neuróticos.

Nesta estrutura, há a busca incessante pelo suposto objeto perdido, aquele que garantiria a satisfação. Este objeto assume as mais diversas formas, e a procura constante por ele caracteriza idéias e ações sintomáticas da neurose. Tenta-se, inutilmente, substituí-lo por outros, que nunca trarão a satisfação total, que é a meta pulsional. Diante do fracasso, o sujeito tende à repetição e, novamente, o objeto não é capturado. A pulsão leva o sujeito a, através de seu próprio corpo, tentar capturar um objeto (que não é necessariamente um objeto externo) – e este, por sua vez, não é capaz de garantir a satisfação.

Na psicose o sujeito foraclui o significante do Nome do Pai e, não tendo a barra da lei no grande outro - Outro, a realidade se torna demasiada insuportável e o acesso

ao que é do simbólico, mais difícil. Há uma colagem do sujeito ao objeto e, costuma-se dizer, tudo parece ‘misturado’. Não há um distanciamento necessário para, como ocorre na neurose, o sujeito tentar capturá-lo. O principal sintoma do psicótico é a alucinação.

Já a recusa que o perverso faz ao significante da lei é diferente. Ele sabe que há uma lei, mas ele não se submete a ela. Pelo contrário, a lei que impera para o perverso é a que dita “transgrida”.

A SUBLIMAÇÃO COMO SAÍDA

Alain Juranville em seu *Lacan e a filosofia* (1987) propõe que a sublimação, antes vista somente como um mecanismo de defesa pouco estudado, possa ser entendida também como estrutura existencial. Como foi dito acima, as estruturas existenciais podem ser pensadas segundo a forma como o sujeito se relaciona com o significante da castração, ou simplesmente, com a questão da finitude. O Real da morte inerente à condição humana. Sabe-se que o neurótico o recalca, o psicótico o foraclui e o perverso duvida dele. E na sublimação, como se dá a relação como o significante da castração?

Para Juranville, o objetivo da análise é a sublimação:

“Mais além de todas essas estruturas (neurose, psicose e perversão), o processo analítico atribui a si a finalidade de fazer advir no discurso o significante do desejo e, por conseguinte, tornar compatíveis, de certa maneira, a plenitude imaginária implicada pelo discurso e a finitude radical da castração a que o significante considera o sujeito da fala” (JURANVILLE, p. 243)

E Birman (2002, p. 93), falando sobre sublimação e criatividade no mesmo contexto – o do psiquismo, compreende a questão do objeto da análise de forma semelhante a ele: “Tudo isso nos indica que a criatividade é a finalidade da experiência analítica”. Na sublimação a identificação que ocorre não é com o pai Real, como na neurose, e sim com o pai simbólico. Segundo o mito freudiano do Pai da Horda, o pai simbólico é aquele que já se situa além da finitude da existência humana, que é o caso do pai Real. Identificar-se com o pai simbólico é uma nova maneira de lidar com o significante da castração, e é o que se passa no processo de análise.

Numa articulação entre dois textos acima mencionados, tem-se que: a sublimação significa a presença da pulsão, ou seja, da sexualidade e que a pulsão é a matéria prima da sublimação. Para BARTUCCI:

“[...] a pulsão é uma força (Drang) que necessita ser submetida a um trabalho de ligação e simbolização para que possa se inscrever no psiquismo propriamente dito. Daí a relevância da experiência artística e literária: ao mesmo tempo que as coisas são inalcançáveis pela arte, institui-se um lugar onde não só intensidade e excesso pulsionais têm a possibilidade de se fazer presente, como há, fundamentalmente, a possibilidade de, por meio da criação artística, estruturar, sim, a realidade de modo pessoal e estilizado, constituindo destinos possíveis para as forças pulsionais, ordenando circuitos e inscrevendo a pulsão no registro da simbolização” (BARTUCCI, p. 11).

A sublimação é apontada como uma saída vantajosa para os conflitos com que o ser humano se depara desde a constituição de seu psiquismo, como se pode notar na afirmação de Freud: “Os historiadores da civilização parecem unânimes em pensar que o [...] processo que merece o nome de sublimação, é uma poderosa aquisição para o trabalho da civilização”. (FREUD apud KAUFMANN, p. 496). A sublimação, de acordo com esta e outras construções teóricas é o que possibilita o processo de civilização, visto que direciona a pulsão para a criação. Kaufmann reitera este pensar, dizendo:

“A primeira vantagem da sublimação é permitir uma atividade de tipo original, algo sempre excluído pela perversão, que se define geneticamente por uma deficiência de integração genital que conduz à manutenção e ao reforço das moções sexuais infantis. A segunda vantagem da sublimação é permitir escapar à neurose, que substitui a perversão, quando, após um obstáculo psíquico, as excitações são desviadas de seu fim e recalçadas, mas não suprimidas, de tal modo que já não conseguem chegar à expressão senão na forma de sintomas [...]” (KAUFMANN, 1996, p. 497).

Depois do que foi dito sobre as estruturas existenciais, especialmente a neurose e a psicose, pode-se perceber que o processo de sublimação se dá de maneiras diferentes entre neuróticos e psicóticos. Se a sublimação é um destino pulsional e se na psicose o circuito pulsional ‘falha’ ou acontece de outra forma, então poderia se levantar a seguinte questão: o processo de sublimação é possível ao psicótico? Pode-se dizer que sim, ao levarmos em consideração o fato de que a sublimação propicia

uma nova maneira de o sujeito se relacionar com o objeto, sendo ele neurótico ou psicótico.

O significante da castração, ao passo em que denuncia a finitude da vida, é recusado tanto por neuróticos como por psicóticos. O processo de sublimação para o neurótico propiciará uma nova maneira de lidar com o significante da castração, sem que seja preciso o recalque. A identificação com o pai simbólico, como já foi mencionado, propiciará que também o sujeito se situe além da finitude da existência, e possa se relacionar de outra maneira com o mundo à sua volta.

Já para o psicótico, a sublimação se dará na medida em que houver um distanciamento entre o sujeito e o objeto. Como foi visto da afirmação de Cruglak, no vazio haverá espaço para o surgimento de significantes, que poderão se estruturar como linguagem.

O QUE É SAÚDE?

Pode-se afirmar que a sublimação é uma saída interessante em direção ao que se pode chamar de saúde mental, mas se faz necessário aqui delimitar o que se está considerando como saúde mental.

Existe a constante tentativa de universalizar certos conceitos importantes, e o de saúde é um deles. A Organização Mundial de Saúde - OMS propõe esta grande definição: “A OMS define saúde como o estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não meramente a ausência da doença” (KAPLAN, 1997, p. 203). Esta definição dá a ideia de plenitude; de um estado praticamente utópico para o ser humano. Tem esta característica, pois parte de uma Organização que deve tentar satisfazer ao maior número de pessoas possível e, apesar disso, mostra-se inovadora quando propõe que saúde não é a mera ausência da doença. Conseqüentemente, tem-se que não basta classificar as pessoas em categorias de patologias.

Mas se o referencial teórico deste artigo é a psicanálise, como se dá uma definição de saúde que seja comum a todos, sem que isso desconsidere a singularidade subjetiva? Fernández ressalta a importância de se considerar a participação do sujeito em seu sintoma, e afirma:

“Quanto ao sintoma psicanalítico, trata-se de algo muito diferente. Em primeiro lugar porque, para que exista como tal, é preciso que seja falado ao psicanalista pelo próprio paciente, embora isto não baste para que um sintoma se constitua como psicanalítico. Aquele que chega ao analista queixando-se de seu sintoma, sente-o como um corpo estranho, como um sofrimento que lhe vem de fora. Será então necessário que o sujeito possa se perceber também como responsável por aquilo que o faz sofrer e, nisto, o analista está implicado” (FERNÁNDEZ, 2001, p. 24).

Dessa forma, estando o sujeito implicado em seu sintoma, pode se tornar ativo também no processo de cura.

Um outro aspecto que pode não servir como generalização da compreensão de saúde, mas que não pode ser descartado é o fato de o sujeito se encontrar ou não em sofrimento. No caso da saúde mental, em sofrimento psíquico. Este não serve como critério único da delimitação entre saúde e doença, mas deve ser observado, já que é o motivador da demanda de tratamento. A demanda, articulada à transferência, é o que vai favorecer o processo de retificação subjetiva.

Já o conceito de cura em psicanálise não é vinculado à busca de um padrão de comportamento, homogeneização ou à simples suspensão dos sintomas. A retificação subjetiva está ligada com a forma como o sujeito lida com seu sintoma, como na citação que Pimentel (s.d.) faz de Lacan: “Saber haver-se com seu sintoma. Aí está o término da análise”, a propósito do caráter irreduzível da neurose.

A UTILIZAÇÃO DA ARTE EM TRATAMENTOS DE SAÚDE MENTAL

Muitas instituições têm feito uso de recursos extra verbais e extra medicamentosos no atendimento a adultos, adolescentes e crianças, com relação a saúde mental. Como exemplos de instituições que utilizam a arte como parte importante do plano terapêutico dos pacientes, tomar-se-á recortes sobre a Escola de Bonneuil, na França (MANNONI, 1995), a Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida, em São Paulo (FARIA; BEISIEGEL, 2001; VASCONCELLOS, 1998), e o Espaço Fernando Ramos da Silva, em Diadema (LIMA, 2001). Estas três foram escolhidas para articulação no presente artigo, porque elas têm como eixo teórico a psicanálise e

porque têm realizado há alguns anos um trabalho de reconhecida qualidade, servindo como referência para implantação de outros serviços de saúde mental.

A Escola de Bonneuil se dedica ao atendimento de crianças e adolescentes psicóticos e autistas. Nesta escola, acontecem oficinas terapêuticas em grupo. E as oficinas de teatro, contos, pintura e outras, servem como espaço onde é possível ver linguagem onde há, a princípio, somente garatujas ou ruídos. Mannoni (1995) fala que, para favorecer a manifestação da criatividade do paciente, o terapeuta não deve se precipitar, mostrando que é o “dono do saber”. Ou seja, o que está em jogo é menos a técnica, e mais a oferta do espaço, da escuta, do vazio onde irão surgir novos significantes do sujeito.

A Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida é uma instituição de São Paulo que também se dedica ao atendimento de crianças e adolescentes com transtornos graves, tendo como ponto importante a mediação da inclusão escolar dos pacientes atendidos. Em um dos textos publicados sobre o Lugar de Vida, relata-se a experiência de uma oficina externa de circo, que aproximou as crianças com transtornos graves desta instituição, com jovens delinqüentes que já se encontravam anteriormente na oficina. Faria e Beisiegel (2001, p. 121), a respeito da importância do circo para a ressignificação da vida para os jovens participantes, comentam:

“O circo para esses jovens vem imprimir ritmo, vem ofertar contorno do tempo, espaço físico delimitado e minimamente organizado, enfim, ofertar borda a estruturas desde o início abaladas pela precariedade do laço parental, e que nesse momento do adolecer, sofrem uma nova fissura” (FARIA; BEISIEGEL, 2001, p. 121).

O Espaço Fernando Ramos da Silva se propõe a atender adolescentes e adultos que fazem uso abusivo ou são dependentes de substâncias psicoativas. Nesta instituição, o eixo do tratamento na época da publicação do livro utilizado era de oficinas terapêuticas, que funcionavam como espaço transicional, usando como base teórica os textos de Winnicott: “Winnicott descreve a perspectiva que um objeto transicional tem na vida de um bebê como algo que o faz compor as duas realidades psíquica interna e externa” (LIMA, 2001, p. 90). Ainda baseado em Winnicott, o autor relata que a arte, como eixo do plano terapêutico, levava o paciente a refletir sobre si,

podendo se sentir mais reais. E refletindo sobre si através da arte, pode pensar de forma mais suportável sobre os limites da vida.

Nas três instituições acima mencionadas, há relatos de casos clínicos onde houve melhora significativa dos pacientes, com relação ao seu estado de saúde mental. Como a base do tratamento nas três instituições se faz sobre o fazer criativo, articulado à psicanálise, é possível afirmar que a arte tem sido importante na promoção da saúde mental, e é válido retomar que a arte é uma das formas de sublimação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma diferença fundamental que este artigo propõe – baseado principalmente nos textos de Juranville e Birman – no que concerne à sublimação para se alcançar a saúde mental: ela passa a ser vista como fim, e não como meio. Quando um sujeito tem a possibilidade de expressar seu sofrimento através da palavra, dos sons, das imagens, das formas etc., o que era angústia deixa de estar no nível do indizível, daquilo que não se pode representar. Abre-se a possibilidade de um distanciamento do sujeito com o objeto e, mais ainda, rompe-se a ligação entre o objeto e a Coisa.

E, neste espaço, podem começar a surgir outros significantes que representem o sujeito. Quanto mais distante o sujeito estiver de sua posição imaginária congelada com relação ao Outro, mais próximo estará de seu desejo. Através da arte, que faz parte da Cultura dos Homens, crianças psicóticas podem começar a ordenar sua pulsão, antes caótica, assim como pode mudar o posicionamento subjetivo de pessoas com outros tipos de estrutura.

Sabendo-se que a arte é uma das formas de sublimar, e quando se conclui, a partir da pesquisa bibliográfica que a sublimação é, não só uma saída saudável para os conflitos psíquicos, mas também o que proporciona todo o processo de civilização, pode-se passar a entendê-la como indispensável para um mundo mentalmente mais saudável. Os exemplos de sucesso que podem ser constatados nos trabalhos de Bonneuil, Lugar de Vida e Espaço Fernando Ramos da Silva são importantes como indicadores de experiências que já estão funcionando por este viés.

Quando se está aberto para a escuta de um sujeito em sofrimento psíquico, proporcionando a ele o espaço e os recursos necessários para que ele expresse sua singularidade subjetiva simbolicamente, o que poderia aparecer como auto ou hetero-agressividade passa a ser manifestado de outra forma. Se isso se dá pela arte, por exemplo, o que poderia ser visto como absurdo ou patológico é contextualizado e aceito socialmente, e o sujeito passar a poder lançar mão de novos significantes que o representem.

REFERÊNCIAS

BARTUCCI, Giovanna (org.). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. 412 p.

BIRMAN, Joel. *Corpos e formas de subjetivação em psicanálise*. In: Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise, 2. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/3_Birman_38020903_port.pdf> Acesso em: 07 maio 2008.

_____. *Fantasiando sobre a sublime ação*. In: BARTUCCI, Giovanna (org.). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 88 - 130.

CRUGLAK, Clara. *Clínica de la identificación*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2000.

FARIA, Carina Arantes & BEISIEGEL, Mariana de Mello. *Histórias de adolescentes no picadeiro: laço fraterno, delinquência a psicose*. Estilos da clínica. São Paulo, v. VI, n.11, p. 118-125, jul./dez. 2001.

FERNÁNDEZ, Myriam Rodrigues. *A prática da psicanálise lacaniana em centros de saúde: psicanálise e saúde pública*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. Disponível em: <<http://portaldeseres.cict.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/2001/fernandezmrm/capa.pdf>> Acesso em: 19 junho 2007.

FRANÇA, Maria Inês. *Psicanálise, estética e ética do desejo*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FRAYZE-PEREIRA, João A. *Arte contemporânea e banalização do mal: corpo do artista, silêncio do espectador*. In: BARTUCCI, Giovanna (org.). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. 412p. 253 – 277.

FREUD, Sigmund (1925b). *A negativa*. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *O Moisés de Miguel Ângelo*. Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XI. Tradução: Elias Dadovich e Isaac Isecksohn. Rio de Janeiro: Delta. Texto de 1914.

_____. *Pulsões e Destinos da Pulsão*. Obras psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Tradução Luiz Alberto Hanns et al. Volume I. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*. Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XI. Tradução: Elias Dadovich e Isaac Isecksohn. Rio de Janeiro: Delta. Texto de 1910.

IAREMA, Iara Del Padre. *O que é saúde sob uma perspectiva musicoterapêutica?* Curitiba: Semana de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná, 2007.

JURANVILLE, Alain. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

KAPLAN, Harold I. *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. Tradução: Dayse Batista. 7 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução: Vera Ribeiro; Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LACAN, Jacques. *A função do belo*. (cap. XVIII) Lê sèminaire. Livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LAPLANCHE, Jean. *Problemáticas III: a sublimação*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

LIMA, Sérgio Alves. *A clínica do possível: tratando de dependentes de drogas na periferia de São Paulo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MANNONI, Maud. *Amor, ódio, separação*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

NASIO, Juan David. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

PIMENTEL, Déborah. *Transferência e ética: direção da cura*. Aracaju: Círculo Brasileiro de Psicanálise. Disponível em: <<http://www.cbp.org.br/artigo10.htm>> Acesso em: 30 abril 2008.

VASCONCELLOS, Flavia. *Ateliê: lugar de criação*. Estilos da Clínica. São Paulo, n. 11, p. 51 – 55, jul./dez. 1998.

Recebido: 10/05/2011
Aprovado: 22/05/2011